

EÇA DE QUEIRÓS NA *GAZETA DE NOTÍCIAS* (Rio de Janeiro): A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNAL

Rosane Gazolla Alves Feitosa

UNESP/Assis

RESUMO:

Será feito um comentário acerca da colaboração de Eça de Queirós na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro-1880-1897), escritos diretamente para o público brasileiro. Em alguns destes textos Eça faz reflexões acerca da mediação que o jornal exerce na sociedade, particularmente na europeia meridional. Acreditamos que neles haja manifestações e traços de natureza doutrinário-programática, aspectos metaliterários e também uma espécie de história da imprensa ocidental. Estes referidos textos de imprensa estão hoje reunidos em *Textos de Imprensa IV – da Gazeta de Notícias*, volume que integra a edição crítica da obra de Eça de Queirós, coordenada por Carlos Reis. O estudo dos mesmos deverá contribuir para a análise e interpretação de sua obra ficcional e jornalística.

PALAVRAS-CHAVE:

Eça de Queirós; *Gazeta de Notícias*; periódico; crítica literária; textos de imprensa.

ABSTRACT:

There will be a review on the collaboration of Eça de Queirós in *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro-1880-1897), written directly to the Brazilian public. In some of these texts Eça makes reflections on the mediation that the newspaper plays in society, particularly in southern Europe. We believe that in these texts there are manifestations and traits of doctrinal-programmatic nature, metaliterary aspects and also a kind of history of occidental press. These press texts are now gathered in *Textos de Imprensa IV – da Gazeta de Notícias*, which includes the volume critical edition of the works of Eça de Queirós, coordinated by Carlos Reis. The study of these texts will contribute to the analysis and interpretation of his fiction and journalistic works.

KEYWORDS:

Eça de Queirós; *Gazeta de Notícias*; journal, literary criticism; press texts.

Na fortuna literária e crítica de Eça de Queirós, encontram-se textos acerca das ideias literárias queirosianas, que são páginas de doutrinação vária, podendo o ensaio e a crítica confundir-se com eles. Podemos denominá-los doutrinários, na conceituação do professor Carlos Reis:

Entendemos aqui por textos doutrinários testemunhos de escritores que, quase sempre imersos no fluxo da produção literária a que se referem, procuram estabelecer e propor orientações para essa produção literária e mesmo, nalguns casos, para a do futuro. Sinteticamente pode dizer-se que os textos doutrinários obedecem à seguinte caracterização:

1.1.1 [...] revestem-se de um pendor programático, no sentido de que, freqüentemente, sugerem, de forma expressa ou velada, uma acção a cumprir, não raro por um grupo ou por uma geração [...];

1.1.2 apresentam [...] registro ensaístico ou similar [...]; [...] não se propõem a enunciar o discurso da teoria [...];

1.2.3 [...] apresentam uma certa experiência literária e cultural mais ou menos sedimentada, provinda da actividade criativa propriamente dita. (REIS, 1999, p. 489-90).

Tendo isso em vista, nosso objetivo é comentar alguns textos de Eça de Queirós, por nós enquadrados na espécie doutrinário/programático, que se constituem em mais um instrumento para chegar a uma interpretação mais adequada de seus textos de ficção.

Nesses textos doutrinários podem ser percebidas características de caráter metaliterário, na medida em que estas intervêm no processo da evolução literária por meio de reflexões acerca de diversos aspectos do fazer literário e da literatura.

Como afirma o crítico literário português, António Machado Pires, os textos doutrinários tiveram um “[...] papel importante no período de afirmação e vigência do Realismo e do Naturalismo, [uma vez que se sentia] em Portugal a necessidade de implantar uma escola ou, pelo menos, assumir uma atitude e educar uma sensibilidade” (PIRES, 1981, p.63).

Portanto, nada mais oportuno e necessário do que conhecer as ideias acerca do realismo-naturalismo queirosiano, por meio dos textos escritos pelo próprio Eça de Queirós – textos de imprensa – para que se possa, com mais propriedade, conhecer sua ideias acerca de temas variados e/ou elucidar a interpretação de sua ficção.

Pela organização da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, que se pauta pela opção de gênero, muitos desses textos doutrinários são considerados textos de imprensa, designação “[...] que não se refere apenas ao local de publicação (jornais e revistas), mas sobretudo a uma certa conformação discursiva [...]” (REIS, 2004, p. 15). Eça cultivou não apenas os discursos próprios de imprensa como a reportagem, crônica, ensaio, mas também “[...] vários outros gêneros discursivos (o romance, o conto, a carta, a biografia), incluindo-se neles gêneros ficcionais e propriamente literários, viram a luz da publicidade na imprensa, [...]” (REIS, 2004, p. 15)

Na edição organizada por Beatriz Berrini (BERRINI, 2000, v.3) esta pesquisadora conceitua a designação “textos de imprensa” no capítulo “Eça de Queiroz jornalista-textos de imprensa” como sendo “[...] os textos de Eça de Queiroz publicados nos mais diversos órgãos de imprensa e em folhetos esporádicos – jornais, revistas, publicações avulsas –, além de outros das mais variadas origens e feitios” (BERRINI, 2000, p.11).

Nossa atenção também se volta para o lugar (jornal/revista), e, de certa forma, o tempo/contexto de publicação/aparecimento de determinado texto. Para o escritor, o lugar/meio em que se publica deve ser levado em conta, porque determinados fatores interferem nessa escrita – a periódica regularidade gera atitudes enunciativas distintas e específicas:

[...] a natureza do jornal ou da revista e o público que lhe é usual interferem igualmente na escolha do tema, no tom estilístico adoptado e na extensão do texto; o lugar geográfico dessa publicação pode ser (e normalmente é) determinante, pois que será sempre diferente escrever de Inglaterra para leitores portugueses, como aconteceu com os textos queirosianos mandados para *A Actualidade*, de Paris para um jornal do Rio de Janeiro, como foi o caso da *Gazeta de Notícias*, ou em Lisboa para o leitor lisboeta, como ocorreu com a *Gazeta de Portugal*. (REIS; PEIXINHO, 2004, p. 18).

Encontramos alguns textos, considerados doutrinários, enviados para o jornal do Rio de Janeiro *Gazeta de Notícias* no período 1888-1900, representando a fase do Eterno Retorno (1888-1900) ou como quer Saraiva e Lopes, a terceira/última fase da produção de Eça.¹ Mais particularmente, deter-nos-emos no texto sobre a morte de Sadi Carnot (presidente da França), publicado em partes, nos dias 20 de julho, 10,11 e 13 de agosto de 1894. Os textos da *Gazeta de Notícias* foram publicados, postumamente, pelo amigo de Eça, Luis de Magalhães, que os distribuiu sob diversos volumes e títulos: *Ecos de Paris*, *Notas contemporâneas*, *Cartas familiares e Bilhetes de Paris*, *Cartas de Inglaterra*, *Últimas páginas*.

¹ Em *História da Literatura Portuguesa* (17. ed. Porto: Porto, 1996) encontramos uma referência à divisão da produção de Eça de Queirós: “Só quase no fim do curso [1866] se estreia como escritor, em folhetim iniciados por *Notas Marginais*, na *Gazeta de Portugal* [...]. Estes folhetins vieram a ser escolhidos e publicados postumamente nas *Prosas Bárbaras*. [...] Com *Os Maias* (afinal só publicados em 88), pode considerar-se encerrada a fase da obra de Eça de Queirós iniciada com *O Crime do Padre Amaro*.” (p. 856). Com a ênfase dada à segunda fase, explicita-se a divisão em três momentos na produção literária e jornalística de Eça de Queirós. Esta divisão em três fases é seguida pela maior parte dos estudiosos de Eça de Queirós. No texto introdutório ao catálogo *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, da Exposição do I Centenário da Morte de Eça de Queirós. Lisboa: Biblioteca Nacional – Inapa, 2000, escrito por Carlos Reis, este dividiu a produção queirosiana em quatro momentos: Aprendizagem da Escrita (1866-1871); Escrita do Real (1871-1880); Outros mundos possíveis (1880-1888); Eterno retorno (1888-1900).

A colaboração de Eça na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 24/07/1880 a 21/09/1897, por períodos diversificados, “[...] cimentou e dilatou a popularidade e o prestígio do ficcionista em terras brasileiras” (MINÉ, 2002, p.15).

O jornal *Gazeta de Notícias*, fundado em 1875 por Elísio Mendes, Henrique Chaves e Ferreira de Araújo, sob a direção deste, até sua morte em 1900, desempenhou um papel importante no jornalismo do último quartel do século XIX no Brasil. Reformulou a imprensa de seu tempo, atribuindo maior atenção às atividades literárias, artísticas e sociais, e tornando-as popular, na medida em que deixou-as ao alcance de uma camada mais ampla da população e introduziu um novo modo de venda de periódicos – por unidade e a um preço acessível – uma vez que os outros jornais eram vendidos por assinatura.

Se já temos, – nós, os que escrevemos –, um público, pequeno, mas inteligente, devemo-lo, em grande parte, a esse mestre exemplar, [Ferreira de Araújo] que, num tempo em que a imprensa diária ainda era um luxo caro, decidiu colocá-la ao alcance de todos, barateando-a, e popularizando-a.

Foi ele quem chamou ao jornal a gente moça, que se ensaiava nas letras. Na *Gazeta de Notícias*, que possuía a colaboração preciosa de Machado de Assis, de Eça de Queirós e de Ramalho Ortigão, _ começaram a aparecer os rapazes cheios de talento, mas ainda sem nome, que daquelas colunas se impuseram ao público. [...] Foi também na *Gazeta* que os pintores, os escultores, os músicos encontraram sempre defesa, amparo, propaganda. (BILAC, 1905, p.3).

A colaboração na *Gazeta de Notícias* distribuiu-se em períodos irregulares: iniciou em 24/07/1880, mensalmente, até fevereiro de 1882, com alguns intervalos nesse período. De 1883 a 1886, não publicou nada na *Gazeta*. Em 1887, publicou *A relíquia*; em 1888, em abril, um texto-“A Europa”; de agosto a setembro, publicou acerca de Fradique Mendes, “Notas e recordações” – partes I a VIII e as cartas – “Ao Visconde de A. T.”, “A Mme. de Jouarre”, “A Oliveira Martins”. Novamente, um longo período sem colaborações – 1889-1891. Volta em janeiro de 1892, ano em que publica os seis números do “Suplemento Literário” (janeiro a junho), do qual foi idealizador, responsável pela criação e diretor. Continuou a colaboração até setembro de 1897. Neste período – 1892 a 1897 – foram publicados vários textos de ficção: os contos “Tema para versos” (A aia) – 02 e 03 abr./1893; “Civilização” (16 a 23 out./1893); “As histórias: Frei Genebro” (28, 29 mar./1894); “As histórias: o tesouro” (23 jan./1894); as quatro cartas de Fradique Mendes a Clara – “A Clara” – I, II, III, IV; o conto, “O defunto” (7 a 16 ago./1895),

As contribuições que enviou para este periódico mantiveram-se basicamente nas seções fixas sob diversos títulos: *Notas contemporâneas*, *Colaboração europeia*, *Ecos de Paris*, *Cartas familiares de Paris*, *Bilhetes d'aquém-mar* e *Bilhetes de Paris*. Apareciam quase sempre na página 1 ou no rodapé desta, espaço reservado ao folhetim.

Algumas vezes, seus artigos apareciam como matérias independentes sem nome das seções, apenas com título e assinatura do autor.

Em quase todos os textos de imprensa, publicados na *Gazeta de Notícias* (1880-1897), Eça comenta, insere, refere-se à função desempenhada pelos jornais na sociedade francesa/europeia. Em todos eles, refere-se ao jornal com maior ou menor relevância, fazendo com que tal procedimento leve o leitor a deduzir que o jornal está presente na vida cotidiana dos europeus e dos franceses, em particular. Em alguns textos, seus comentários chegam a adquirir um tom programático em relação à imprensa, na medida em que realiza reflexões acerca do fazer jornalístico, discorrendo em pinceladas ou outras vezes com vagar sobre o escrever para jornal, sobre a composição gráfica, o impacto do jornal na sociedade, o papel do repórter e do jornalista, o papel do leitor.

Eça nos surpreende, em alguns momentos, com seu texto e sua ironia ao realizar neologismos em relação a procedimentos linguísticos, como ocorre em nosso discurso em tempos de internet e de globalização – o uso do sufixo em palavras estrangeiras, tais como “deletar” e outras, exemplificadas no texto publicado em 29/05/1894, em que comenta uma entrevista feita por um jornalista, Gaston Calmette, com o rei italiano Humberto, publicada no jornal francês, *Le Fígaro*, em 10/04/1894:

Apesar desta democracia crescente que tudo vulgariza, ou antes (sejamos prudentes) que tudo igualiza, nem cada dia um *jornalista* consegue “entrevistar” um rei [...]. Temos pois de empregar resignadamente este feio americanismo [...]. Em todo o caso, por todos os motivos, Humberto é dos poucos reis “entrevistáveis”. (p. 463 e 467). [destaques nossos].²

Eça de Queirós assume-se jornalista ao comentar (28/04/1894) sobre os conteúdos de informações duvidosas na imprensa francesa e inglesa e em como o jornal, nos dias contemporâneos, dirige o comportamento do indivíduo: “De resto é por pura humildade cristã que eu, que *me considero a meu modo um jornalista, confessei*, falando do jornalismo, *estes pecados em que colaboro* impenitentemente.” (p.462) [destaques nossos].

Desde o primeiro texto em 24/07/1880, “Cartas de Paris e Londres (6 de junho de 1880)” faz referência ao jornal como participante, como fator de inclusão do indivíduo na sociedade europeia: “No Cairo, cidade dos califas, há cópias de Mabilie, e os Ulemás esquecem as metáforas gentis dos poetas persas, para repetir os ditos do *Figaro*,” (p.57) ; “[...] quanto mais uma raça se desoriginaliza, e se perde sob a forma francesa ou britânica, mais se considera a si mesma civilizada e merecedora dos aplausos do *Times*.” (p. 58)

² Nas exemplificações de textos da *Gazeta de Notícias*, utilizaremos o volume: MINÉ, Elza; CAVALCANTE, Neuma (edição). *Textos de imprensa. IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós).

No primeiro texto enviado à *Gazeta de Notícias*, (24/07/1880), explicita a função que vai desempenhar no jornal carioca, o teor de conteúdo que estará em seus textos e a justificativa de sua contratação: “O desejo mais natural do homem é saber o que vai no seu bairro e em Paris. Daí a utilidade destas Cartas [correspondências/textos enviadas por navio/paquete].” (p.59). No segundo texto, “Cartas de Paris e Londres” (17/08/1880), Eça reafirma novamente o motivo de sua contratação, o seu papel de mediador dos acontecimentos, principalmente ingleses e franceses – trazer aos brasileiros notícias da Europa (França, Inglaterra, Alemanha, Itália) que interessariam aos brasileiros.

Ainda nesta carta, lhes não falo da Inglaterra. A culpa é toda dela. Caso extraordinário! há já semanas que este grande e amado país não produz um acontecimento, um escândalo, um livro, um sistema filosófico, uma religião, uma máquina, um quadro, uma guerra ou um dito! (p. 75).

Da mesma forma, Eça explicita o objetivo da publicação do *Suplemento Literário* [Cultural], criação e direção sua, seis números de janeiro a junho de 1892, encartados na Gazeta:

Ora, foi para que o Brasil pudesse realizar ideal tão cômodo, que nós criámos este Suplemento. Ele é o compte rendue desta famosa representação que se dá no teatro da Europa, mandado cada semana pelo paquete, para que o enredo e os actores possam ser conhecidos sem o cansaço, a despesa, o tempo consumido em atravessar as águas e vir ao teatro, que não é confortável, nem bem ventilado, e está cheio de lazaretos. Melhor ainda! É a própria representação condensada em meia folha de jornal, [...]. Neste Suplemento vai o resumo de uma civilização. (p. 234-5) [destaques nossos]

O texto, do qual retiramos o excerto abaixo para comentário, foi publicado em 1894, nos dias 20 de julho, 10, 11 e 13 de agosto, com o título “Carnot” para a primeira parte – as outras partes ficaram sem título. O assunto do texto, motivado pelo assassinato do presidente francês, Sadi Carnot,³ apresenta um viés de obituário e gira em torno da vida e da obra do político francês sob o ponto de vista de Eça de Queirós.

³ Marie François Sadi Carnot ([Limoges/11/08/1837](#)-[Lyon/25/06/1894](#)), político francês cuja carreira culminou com sua passagem pela [presidência da República \(1887-1894\)](#). Originário da família francesa Carnot, célebre e conhecida em política e ciência com vários membros famosos. Em [Lyon](#), em [24/06/1894](#), Sadi Carnot foi apunhalado por um só golpe mortal, dentro de sua carruagem, pelo [anarquista Sante Geronimo Caserio](#). Os restos mortais de Carnot repousam no [Panteão de Paris](#) junto aos de seu avô [Lazare Carnot](#). Entre [1892](#) e [1894](#), mais de 400 anarquistas foram jogados em prisões e enviados a colônias penais pelo aparato estatal repressor francês. Entre os anarquistas de todo o mundo, inclusive entre os franceses, o gesto de Sante Geronimo Caserio ganhou ressonância muito significativa, muitos grupos na França e nos Estados Unidos reconheceram a legitimidade de seu ato e passaram a considerá-lo um mártir. (www.wikipedia.org.)

Paris, sentado nos terraços dos cafés, bebendo aos goles, devagar, limonada ou xarope de groselha e soda, enxuga a testa e repousa das emoções por que passou nesta semana, com 35 graus de calor (à sombra). Que emoções, com efeito, e tão atropeladas, tão desencontradas, desde essa manhã de segunda-feira em que cada um de nós foi acordado quase violentamente pelo seu criado, que, sem abrir as vidraças, espalhando logo na penumbra da alcova um pouco do assombro e do horror que invadira a cidade, exclamava ou balbuciava: – «O Sr. Carnot foi assassinado em Lião». Depois disto não era possível, nem readormecer, nem preguiçar. Paris inteiro, sem banho, quase sem almoço, desceu à rua, como Atenas nos grandes dias cívicos, e ficou na rua durante uma semana, falando alto e comprando vorazmente jornais. Tantos jornais arrebataba e logo arremessava, que à noite, macadam e asfalto desapareciam sob uma camada de lixo impresso, o mais triste de todos os lixos.(p. 489) [destaques nossos].

Os jornais estão no cotidiano dos parisienses e são responsáveis pela circulação das notícias e pela inclusão social dos indivíduos, deixando-os a par dos acontecimentos. Eça descreve o procedimento da cidade de Paris, personificada, gerando, com este procedimento estilístico, uma generalização, à medida que abarca todos os habitantes parisienses nesse sentimento de assombro e tristeza:

“[...] desde essa manhã de segunda-feira em que cada um de nós foi acordado quase violentamente pelo seu criado, que, sem abrir as vidraças, [...]. Paris inteiro, quase sem banho, sem almoço [...], ficou na rua durante uma semana, falando alto e *comprando vorazmente jornais*. [destaques nossos].

O leitor de jornal lê vários, provavelmente, na ânsia de mais informações; depois lê e o joga fora, formando um lixo. “Tantos jornais arrebataba e logo arremessava, que à noite, *macadam* e asfalto desapareciam sob uma camada de lixo impresso, o mais triste de todos os lixos.” Está explicitado a maneira descartável como é tratado um texto de jornal, tanto em conteúdo noticioso, quanto os textos de folhetim ou crônica. O jornal não vai ser guardado como é feito com o livro. No entanto, o texto de jornal circula por várias mãos, tem muito mais leitores. O autor pensa nisso, quando escreve para essa mídia. Aqui estamos encontrando características da imprensa francesa – texto, contexto, leitor, meio.

No excerto a seguir, Eça de Queirós continua a discorrer como os jornais contribuem para dar a devida importância às notícias; como a sociedade, especialmente a urbana, é mediatizada por meio das ferramentas de que a imprensa dispõe – o formato das letras, cor, tipo, disposição na página, sendo que, às vezes, o conteúdo é minimizado:

O que Paris durante esta semana sentiu (além de uma compaixão natural pelo bom homem morto e pela admirável viúva), foi uma curiosidade feroz do detalhe trágico. Os jornais concorreram para exaltar esta curiosidade, menos pelas cousas dolorosas que vinham contando, como pela maneira terrífica com que as anunciavam, em tipo disforme, letras de três polegadas, de um

negrume sinistro, enchendo toda uma folha, e na sua mudez mais estridentes que gritos! São estas letras de descomedido espalhafato, imitadas da América e exageradas como toda a imitação interesseira, que exacerbam a sensibilidade moderna. As pestes, as guerras, as quedas de impérios, eram outrora narradas pelos jornais no seu tipo miúdo e ordinário e a notícia das catástrofes entrava no nosso espírito de um modo manso e discreto, sem produzir nele alvoroços violentos. Agora estas letras espantosas invadem com prazer o nosso pobre cérebro; e à maneira de touros que se precipitam dentro de um templo, põem a quieta assembleia das nossas ideias em confusão e terror. Uma tarde desta semana, nos boulevards, um jornal astuto e videiro, a *Cocarde*, apareceu ostentando na sua primeira página, larga como uma página da *Gazeta* estas duas linhas únicas, num tipo despropositado, sem precedentes, que se avistava a uma milha: – «O embaixador de França foi assassinado em Roma!» Vi mulheres, ao receberem nos olhos desprevenidos este tremendo berro tipográfico, quase desmaiarem: e por onde passavam os vendedores agitando o cartaz pavoroso, a multidão redemoinhava, como sob um grande vento de medo e cólera!

Assim, durante a longa semana, andou veementemente sacudida a nossa imaginação. (pp.491-2) [destaques nossos].

As notícias impactantes eram veiculadas por meio de formatos tipográficos de destaque – tamanho, cor, modelos de letras – “Os jornais concorreram para exaltar esta curiosidade [...] pela maneira terrífica com que as anunciavam [...] tipo disforme, letras de três polegadas, de um negrume sinistro [...]. Letras de descomedido espalhafato. [...] letras espantosas [...]”. (p.491)

Os jornais também são classificados pela maneira que tratam o fato, a notícia: “[...] nos *boulevards*, um jornal *astuto e videiro*, a *Cocarde*, apareceu ostentando na sua primeira página, larga como uma página da *Gazeta* estas duas linhas únicas, num *tipo despropositado, sem precedentes, que se avistava a uma milha [...]* este tremendo berro tipográfico [...].” (itálicos nossos). Neste trecho, Eça já explicita a linha editorial do jornal – “astuto e videiro” – pela maneira espalhafatosa com que deu a manchete, em “tipo despropositado”, “que se avistava a uma milha”, em suma, “um berro tipográfico”. Se a maneira de dar a notícia foi espalhafatosa, Eça usou e abusou de hipérboles para comentar esse fato. Essa metáfora – “berro tipográfico” – muito bem sintetizada por Eça, resume todo o sensacionalismo desse jornal, que seguiu os passos da imprensa americana, mais precisamente do *Yellow Journalism* e dos jornais editados por William Randolph Hearst, na década de 1890 (*San Francisco Examiner, Evening Journal*). No Brasil, publicações como essa seriam denominada como pertencendo à “imprensa marrom”, expressão cunhada pelo jornalista Alberto Dines. Eça conseguiu em poucas linhas sistematizar o jornalismo sensacionalista, a situação da imprensa francesa nos anos de 1890, o papel do jornal na sociedade parisiense, a distribuição do jornal, sua formatação e papel do leitor fez, com isso, reflexões programáticas e metalinguísticas acerca do suporte e de sua recepção.

Com base nos comentários feitos, foi possível verificar, dentre seus textos de imprensa, que Eça de Queirós, às vezes, se dispôs a fazer reflexões acerca da literatura,

da sua arte, assumindo um ponto de vista crítico doutrinário/programático, de certo modo, paralelo à literatura, com vistas a bem compreender a arte do texto literário. Estas reflexões, pelo esclarecimento que podem trazer para o bom entendimento da ficção queirosiana, pela luz que podem projetar sobre seu ideário estético e, sobretudo, pelo que diz respeito ao compromisso com a estética realista, elucidam algumas de suas ideias que lhe mereceu atenção, interpretação e juízo.

REFERÊNCIAS:

BERRINI, Beatriz.(Org. geral, introd., fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias). *Eça de Queiroz Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v.3

BILAC, Olavo. Crônica. *Kosmos*, Rio, 1905, p.3.

EÇA DE QUEIRÓS: a escrita do mundo. Lisboa: Biblioteca Nacional – Inapa, 2000.

MATOS. A. Campos (org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ed. rev. e aument. Lisboa: Caminho, 1998.

MINÉ, Elza. Introdução. In: _____; CAVALCANTE, Neuma (ed.). *Textos de imprensa. IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós). p. 15-51.

_____; CAVALCANTE, Neuma (ed.). *Textos de imprensa. IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós).

MÓNICA, Filomena (Introd., pesquisa e seleç. de textos). *Eça de Queiroz, jornalista*. Cascais: Principia, 2003.

OBRAS de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão, 1976. v.1

PIRES, A. M. Teoria e prática do romance naturalista português. In: _____. *Linguagem, linguagens e ensino*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1981. p.32-55.

REAL, Miguel. *O último Eça*. Lisboa: Quidnovi, 2006.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2.ed. Coimbra: Almedina, 1999.

_____. Introdução. In: _____ ; PEIXINHO, Ana Teresa (Edição). *Textos de imprensa. I (da Gazeta de Portugal)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. p.15-52. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós).

SADI CARNOT. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marie_Fran%C3%A7ois_Sadi_Carnot> . Acesso em: 10 jun.2011.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto, 1996.

SARAIVA, António José. *As ideias de Eça de Queiroz*. Lisboa: Centro Bibliográfico, 1946.